



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	As relações étnico-raciais e o ensino de Biologia
Autor	CIBELE FAGUNDES CAPAVERDE
Orientador	RUSSEL TERESINHA DUTRA DA ROSA

RESUMO: O Conselho Nacional de Educação instituiu no ano de 2004 as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a serem observadas pelas instituições, em todos os níveis de ensino, em especial, por instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. A resolução determina que as instituições de ensino superior incluam, nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a educação das relações étnico-raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes. Essa decisão do Conselho Nacional cumpre a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica. Em 2017, a disciplina de estágio docente em Biologia, vinculada ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas, alterou seu cronograma para cumprir a lei 10.639/03, na mudança do cronograma três aulas foram incluídas no primeiro semestre de 2017. A primeira aula tratou das desigualdades étnico-raciais no Brasil, e a base dessa discussão foram dois vídeos: “The beauty of human skin in every color” de Angelica Dass, no contexto do TED Conferências (Technology, Entertainment, Design) e o vídeo sobre as percepções de um Belga e um Angolano sobre o racismo no Brasil. O segundo encontro foi ancorado a partir da leitura prévia dos textos selecionados pela professora e pela monitora do livro “Da África aos indígenas do Brasil: Caminhos para o estudo de História e cultura Afro-Brasileira e Indígena”, do curta metragem “Vista minha pele”, e do TED da escritora Chimamanda Adichie intitulado “O perigo de uma história única”. E o último encontro com a turma do primeiro semestre de 2017 foi uma visita guiada ao museu de percurso do negro e outros territórios negros em Porto Alegre. No segundo semestre de 2017, com a mudança de alunos, a proposta se manteve muito parecida, porém foram acrescentados textos do livro “Pessoas Comuns Histórias Incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense”, e a palestra de quatro intelectuais negras falando sobre seus trabalhos acadêmicos onde há a conexão da Biologia e das relações étnico-raciais. Nos dois semestres em que esta proposta foi ofertada aos alunos, todos concordaram e acharam necessário que esse diálogo deveria ocorrer, a primeira aula de 2017/1 foi muito positiva, os alunos se mostraram indignados com os vídeos apresentados, mas ainda assim houve o questionamento de alguns alunos sobre como agir em sala de aula frente a um ato de racismo. O segundo encontro também foi muito positivo e se centrou na discussão do curta metragem vista minha pele, assim como dos outros vídeos apresentados para turma, nessa aula, alguns alunos se mostraram incomodados em debater esse assunto em sala de aula, por falta de conhecimento no assunto, o que fez os envolvidos perceberem o quanto essas aulas são necessárias para a formação docente. A saída de campo contou com a presença de outros alunos, pois a disciplina de estágio docente em Ciências também foi convidada, logo o grupo praticamente duplicou. Nessa saída os alunos ficaram mais reflexivos, pois havia um guia acompanhando o grupo e apresentando as obras de arte do museu e as histórias de outros territórios e como elas se conectam à história da comunidade negra e com a cidade de Porto Alegre. Nas duas saídas de campo, pois ocorreu também no segundo semestre de 2017 o grupo foi diminuindo ao longo do trajeto, a maioria dos alunos dispersou porque tinham outros compromissos, mas, ao final, todos se mostraram muito impressionados com a quantidade de informações que desconheciam da história de Porto Alegre. No último encontro do segundo semestre de 2017, ocorreu uma palestra com quatro intelectuais negras, nessa aula houve um número muito reduzido de alunos presentes e a falta de internet do prédio da Faculdade de Educação prejudicou o andamento da palestra, mas as palestrantes conseguiram demonstrar como estavam trabalhando as relações étnico-raciais e a Biologia. Foi aplicado um questionário dissertativo para os alunos sobre o que eles acharam dessas aulas, se elas eram necessárias para sua formação e o quanto eles receberam de informações sobre essa temática ao longo da suas graduações em outras disciplinas, todos se sentiram muito tocados com as aulas, levando a reflexões de como agir na sociedade e em sala de aula perante as diversas situações de racismo, e do quanto eles estavam alheios a essa discussão. Todos concordaram que essas aulas são muito necessárias para a sua formação, e as disciplinas das quais trataram essa temática ao longo da graduação foram as vinculadas à Faculdade de Educação e à disciplina de Evolução Biológica de forma tímida, pois só discutiram um texto ao longo do semestre. Professores trabalham com vidas, logo não devemos pensar que a formação desses profissionais deve ser pautada na sua ciência, é necessária uma discussão sobre assuntos que permeiam a vida dos estudantes. O estudo das relações étnico-raciais assim como sua discussão na formação desses profissionais é de extrema necessidade, pois o racismo estrutural atinge tanto pessoas negras como pessoas brancas. Palavras-chaves: Relações étnico-raciais; formação de professores; ensino de Biologia.